

O PÚBLICO DA PRAÇA DE LEITURA DE BLUMENAU/SC E SUA RELAÇÃO COM O LITERÁRIO

*THE PEOPLE WHO ATTEND THE READING SQUARE OF BLUMENAU/SC AND THEIR
RELATION TO THE LITERARY TEXT*

 Patrícia Gonçalves Jorge ^A

 Carla Carvalho ^B

^A Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, SC, Brasil

^B Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, SC, Brasil

Recebido em: 19 set. 2022 | **Aceito em:** 23 out. 2023

Correspondência: Patrícia Gonçalves Jorge (patriciagjorge@gmail.com)

Resumo

O estudo se debruça sobre a Praça de Leitura de Blumenau/SC, ativa desde 2017. Discute-se a leitura literária, relacionada a transformações tanto na subjetividade (PETIT, 2009; CECHINEL, 2020) como no mundo externo ao leitor (FISCHER, 1977). Tem por pergunta de pesquisa: quais relações são evidenciadas entre a Praça de Leitura de Blumenau/SC e seus frequentadores? Objetivou-se refletir sobre o papel e a importância da literatura na vida dos sujeitos que frequentam uma Praça de Leitura. Neste estudo de caso, os dados foram gerados por observações e questionários. Os dados indicaram que o público da Praça é diverso, frequentam-na por várias razões e com assiduidade, além disso, o espaço conta com os cuidados de pessoas em situação de rua que ali circulam. Conclui-se que os frequentadores da Praça se relacionam de diferentes formas tanto com o espaço quanto com a literatura, sendo espaços como o da Praça meios de democratização da arte.

Palavras-chave: arte; democratização da arte; leitores; literatura; praça de leitura.

Abstract

The study focuses on the Reading Square of Blumenau/SC, active since 2017. Literary reading is discussed, related to transformations both in subjectivity (PETIT, 2009; CECHINEL, 2020) and in the world outside the reader (FISCHER, 1977). Its research question is: what relationships are evidenced between the Praça de Leitura de Blumenau/SC and its regulars? The objective was to reflect on the role and importance of literature in the lives of people who attend a Reading Square. In this case study, data were generated by observations and questionnaires, that indicated that the public of the Square is diverse, they visit it for various reasons and with assiduity, in addition, people who live on the streets near the Square take care of the place. In conclusion, it was noticed that the Square's regulars relate in different ways both to the place and to literature, configuring places like the Square as examples of actions that democratize the access to art.

Keywords: art; democratization of art; readers; literature; reading square.



Leitura literária e fruição estética: possibilidades e desvelamentos

“A função da arte não é a de passar por portas abertas, mas a de abrir portas fechadas”
Ernst Fischer (1977, p. 238)

Há livros, canções, filmes que nos marcam. A arte, por vezes, ao atravessar nosso caminho, muda nossa história. Do mero entretenimento a revoluções internas, à literatura são atribuídas inúmeras funções: a promoção da catarse ou a sublimação, a promoção da reflexão da realidade e possibilidade de ação no sentido de mudança, a (re)constituição da interioridade e identidade do sujeito e a promoção do contato com a alteridade e a sua compreensão.

Há dimensões da realidade impalpáveis para o método científico, outrora dominante como modo de desvelamento da realidade, dimensões essas que podem ser acessadas por meio da sensibilidade possibilitada pela literatura. Além disso, a crença de que apenas leituras não ficcionais ou informativas de fato contribuem para o desenvolvimento do intelecto cai por terra, como elabora Michèle Petit (2009) em *A arte de ler*:

[...] a literatura pode ativar funções intelectuais específicas, contrariamente à uma representação corrente segundo a qual a construção da inteligência só poderia ser sustentada por textos argumentativos e a ficção seria limitada ao registro do prazer. Esta [...] também ampara a subjetividade e alarga de modo vital universo cultural (PETIT, 2009, p. 215-216).

Portanto, a arte e, mais especificamente, a literatura, permite conhecer dimensões do real que, a princípio, são-nos invisíveis, como acena Fischer (1977) em nossa epígrafe, colaborando para a construção intelectual do sujeito, de sua subjetividade e para enriquecimentos atrelados à dimensão cultural, comum e inerente ao ser humano. Desse modo, evidencia-se a importância da fruição do texto literário na constituição integral do ser humano.

Acreditando no potencial associado à leitura literária, decidimo-nos por investigar a Praça de Leitura, localizada em Blumenau/SC, no bairro Itoupava Seca, que funciona desde setembro de 2017 e conta com um grande número de visitantes, assíduos ou esporádicos, que frequentam o local para ler, passar o tempo, deixar ou levar livros. A Praça de Leitura foi inaugurada no evento do aniversário de 167 anos da cidade e foi financiada por uma empresa local, sendo a Praça um produto de uma sanção extrajudicial. O espaço, ao todo, possui 256 metros quadrados (SECRETARIA DE PLANEJAMENTO URBANO DE BLUMENAU, 2017) e conta com uma área coberta, em cujo centro são abrigadas prateleiras de concreto

onde estão dispostos os livros do acervo flutuante. Por meio de uma placa instalada no espaço, o visitante descobre que a proposta da Praça é a de servir de espaço para leituras individuais e coletivas, para o livre empréstimo e doação de livros. E, ainda, aceita doação de livros de literatura, livros informativos e revistas dos últimos dois anos, não sendo aceitos panfletos e livros didáticos. Curiosamente, a Praça conta com um vasto acervo ainda hoje, provando que a dinâmica da proposta inicial segue funcionando.

Tendo isso em vista e o fato de não haver estudos com os sujeitos frequentadores da Praça de Leitura, a pergunta que motiva o presente estudo é: quais relações são evidenciadas entre a Praça de Leitura de Blumenau/SC e seus frequentadores? Em tempos de desvalorização da leitura literária, torna-se pertinente entender a motivação dos sujeitos que frequentam espaços cujo objetivo é a leitura.

Ressaltamos que a presente investigação faz parte de uma pesquisa de mestrado, visando a responder a um de seus objetivos, qual seja: Refletir o papel e a importância da literatura na vida dos sujeitos que frequentam uma Praça de Leitura.

A seguir, debruçar-nos-emos sobre as potencialidades associadas à fruição estética de obras literárias, assinaladas no início desta seção, de modo a melhor compreender a necessidade humana do contato com a arte.

Arte e literatura: encontros potentes, perigosos, necessários

“[...] a arte [...] descobre novas áreas da realidade, tornando visível e audível o que antes era invisível e inaudível”

Ernst Fischer (1977, p. 240)

Nosso contato com a arte é longo, assíduo. Das primeiras pinturas rupestres aos longos romances que compõem nossa literatura clássica, a expressão por meio das diversas linguagens inegavelmente acompanha nossa história. Voltamo-nos à arte por razões várias, seja por curiosidade, enfado ou a busca pela fruição estética. Por meio dela, o sujeito pode expressar suas angústias, ou qualquer outro sentimento que, se preso, se contido, pode causar o adoecimento psíquico, como explica, em sua obra, *Psicologia Pedagógica*, Liev Semionovich Vigotski (2003):

O que permanece irrealizado em nossa vida deve ser sublimado. Para o que não se realizou na vida existem apenas duas saídas: a sublimação ou a neurose. Portanto, a arte representa, do ponto de vista psicológico, um mecanismo permanente, biologicamente necessário, de eliminação das excitações não-realizadas na vida e é

uma acompanhante inevitável de toda existência humana [...] (VIGOTSKI, 2003, p. 232).

Ainda sobre essa necessidade de sublimação, Petit (2009) elabora:

Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos. Para que pedaços inteiros do que vivemos não fiquem incrustados em zonas mortas do nosso ser (PETIT, 2009, p. 115).

Desse modo, as linguagens nos servem para que possamos simbolizar, expurgar ou até compreender o que se esconde e se acumula em nosso psiquismo.

As linguagens, que invariavelmente emergem de contextos sociais (VOLÓCHINOV, 2021), também nos conectam àqueles ao nosso redor, à sociedade na qual estamos inseridos, de modo que reflitamos sobre ela, nas palavras de Ernst Fischer (1977, p. 57), advindas de *A Necessidade da Arte*: “A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade” (FISCHER, 1977, p. 57).

Torna-se fundamental, portanto, além da ciência — importante ferramenta de manipulação e compreensão da natureza —, o papel da arte na discussão, embate e difusão de ideias imbuídas de potencial de revoluções sociais.

Voltando seus estudos para o literário, Petit (2009) aponta o aspecto reconfortante e formador da literatura, para além de reiterar seu papel na reflexão sobre o nosso entorno social e, ao mesmo tempo, sobre aspectos de nossa psique:

[...] os livros lidos são moradas emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar de ponto de vista. Para além do carácter envolvente, protetor, habitável, da leitura, uma transformação das emoções e dos sentimentos, uma elaboração simbólica da experiência vivida tornam-se, em certas condições, possíveis (PETIT, 2009, p. 284).

Por vezes, em meio à desesperança da realidade, a literatura pode fornecer ferramentas de reflexão, de mudança de perspectivas ou pode simplesmente trazer um alento em meio ao caos, às questões inerentes à existência humana. Por intermédio de textos literários, o sujeito é capaz de (re)construir-se, podendo sensibilizar-se para questões internas que poderiam estar adormecidas ou esquecidas:

[...] quando os textos ouvidos ou lidos como um segredo, na solidão, ou mesmo folheados, ajudam a despertar em uma pessoa regiões silenciadas ou enterradas no

esquecimento, dar-lhes forma simbolizada, compartilhada, e transformá-las. Fundamentam a elaboração de uma história que desempenha um papel essencial na construção ou reconstrução de si mesmo, de uma narração sempre a retomar, sempre passível de ser recomposta mesmo para quem as palavras faltam (PETIT, 2009, p. 105).

Desse modo, é possível dizer que a leitura abre um espaço íntimo e subjetivo, e tal experiência é mediada pelas palavras do autor (PETIT, 2009) que, além de dialogar com o leitor, dialoga também com a sociedade em que vive; suas palavras são constituídas por ideias de toda uma civilização e, seu enunciado, materializado em um livro, além de responder ao que veio antes dele, suscitará respostas de quem com ele se deparar (BAKHTIN, 1997).

A verdade é que o autor ou autora de uma obra literária possui ferramentas para pôr em palavras experiências e sentimentos que toda a humanidade compartilha, mas que, para muitos, é de difícil expressão:

Mesmo a virtualmente inexprimível experiência de um homem é uma experiência humana e, por conseguinte, ainda que no seu máximo grau de subjetividade, é uma experiência social. [...] O poeta é o descobridor da experiência; através dele, outros aprendem a reconhecê-la como experiências também deles e, por meio da expressão que ela afinal encontrou, chegam a assimilá-la (FISCHER, 1977, p. 192).

Evidencia-se, assim, o caráter complementar da leitura do literário, que permite “ao mesmo tempo uma escapada solitária e encontros” (PETIT, 2009, p. 80), demonstrando o caráter social do próprio ser humano, que molda ao mesmo tempo em que é moldado pela linguagem, esta, para Valentin Nikoláievitch Volóchinov (2021) e para o Círculo, de natureza social.

Ainda, a interioridade, que pode ser desvelada a partir do contato com a literatura, não é algo inerente ao ser humano. Pelo contrário, tal interioridade é construída socialmente, dando-se o mesmo com a “[...] identidade [...], que se constitui em um movimento simultaneamente centrífugo e centrípeto, em um impulso em direção ao outro, um desarraigamento de si, uma curiosidade” (PETIT, 2009, p. 51).

O ser humano é um ser de narrativa, e, de acordo com Petit (2009), essa necessidade de criar narrativas está ligada a momentos de crise, o que significa dizer que “[...] nossa espécie parece ser escrupulosamente guiada pela necessidade de uma regurgitação linguística de sua experiência [...]” (QUINGNARD, 1989, p. 78-79 *apud* PETIT, 2009, p. 127).

Outra potência atribuída à literatura é a possibilidade de saída de si, de ver pelos olhos do outro, do contato com a alteridade, pois

[...] a arte jamais é uma mera descrição clínica do real. Sua função concerne sempre ao homem *total*, capacita o 'Eu' a identificar-se com a vida de outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser (FISCHER, 1977, p. 19, grifo do autor).

Ainda, para usar as palavras de Bakhtin (1997) e do Círculo, a arte *refrata* a realidade, visto que, se fosse uma representação fiel do real, com ele confundir-se-ia.

O encontro com a arte apresenta possibilidades, novas formas de enxergar a realidade, o que a torna passível de mudança aos olhos do fruidor; sua consciência da realidade, por conseguinte, também se amplia e, logo, a falsa fixidez em que a ideologia dominante apresenta o mundo, dissolve-se (PEIXOTO, 2003; FREIRE, 1987).

Porém, nem toda leitura dá acesso à alteridade com facilidade. André Cechinel (2020), em *Literatura, ensino e formação em tempos de Teoria*, argumenta que isso não é fato dado em toda e qualquer leitura literária, mas que

[...] isso não significa que ela não nos faça apelo ético algum quando do contato com as obras em si. Esse apelo ético, no entanto, assume aqui menos a forma de um compromisso anterior à leitura do que uma atenção profunda ao objeto, um olhar capaz de desorganizar aquilo que trazemos de antemão conosco para o instante em que encontro com objeto acontece. [...] a literatura expõe a precariedade dos sentidos que trazemos conosco para o instante da leitura, produzindo um curto-circuito na forma como interpretamos as coisas. Em suma, menos que um espaço de afirmação das alteridades, a literatura é sempre um convite para a saída de si, um convite à perda (de tempo, de linguagem), ao abandono, ao desencontro, ao desentendimento, à releitura, à improdutividade, tudo isso [...], sem promessa alguma de satisfação do consumidor ou de reencontro posterior consigo mesmo com o outro (CECHINEL, 2020, p. 79-80).

Desse modo, de acordo com o pensamento de Cechinel (2020), a literatura, quando cumpre sua função social, desestabiliza o sujeito, põe em xeque suas convicções, o que, de fato, configuraria uma verdadeira **saída de si**, a qual é, por vezes, desconfortável, pois, esse processo se constitui em um “apagamento irremediável de si diante de uma alteridade radical que nem mesmo reconhece aquele que a observa” (CECHINEL, 2020, p. 140). De fato, para chegar ao outro, é preciso que abdicuemos de nós, que nos coloquemos no lugar do outro, para, assim, aproximarmo-nos dele, permitindo que esse outro promova mudanças em nós.

Em sua obra, Petit (2009) também menciona que a leitura literária nem sempre é uma atividade “segura”, pois os livros podem tanto emocionar quando ameaçar, tocando em feridas, em traumas, ou ainda, se lidos em grupo, provocar conflitos, discussões calorosas (BRUTIN, 2000 *apud* PETIT, 2009). Nenhuma leitura, nesse sentido, é completamente

“segura”. É por isso que essa atividade exige disponibilidade, desprendimento, abertura ao novo, a sentimentos por vezes incômodos.

Petit (2009) atribui as diferentes reações aos livros às diferenças sociais, culturais, de sexo, geração, de experiências de vida etc. que constituem os leitores e, de fato, em suas pesquisas, percebeu que “os relatos, as frases que lhes [os leitores] falam, que os revelam, que os ajudam a dar sentido à sua vida e a resistir são frequentemente muito surpreendentes” (PETIT, 2009, p. 174-175). Daí deriva a importância do confronto com obras que nos podem parecer distantes, seja no conteúdo, no contexto e época de produção, seja na forma, pois o embate, o confronto com as diferenças pode nos expandir o olhar.

Maria Inês Hamann Peixoto (2003) também evidencia as diferenças que constituem os leitores em *Arte e grande público*:

No ato da fruição, quando a totalidade do sujeito receptivo se confronta com a totalidade da obra, ele não se encontra na condição de *tabula rasa*: toda a experiência anterior, fruto de determinações históricas e sociais, está atuante no momento do prazer estético (PEIXOTO, 2003, p. 88).

Tendo em vista os autores e autoras que dão suporte a este trabalho, a seguir, explicitaremos, brevemente, seus procedimentos metodológicos.

“Leia-me”: aproximando-nos dos sujeitos e da Praça de Leitura

“Se existe um lugar propício aos desvios e aos encontros inesperados, é a biblioteca”

Michèle Petit (2009, p. 273)

Para conhecer melhor a Praça de Leitura, os seus frequentadores e, possivelmente, vivenciar desvios e encontros inesperados, optamos por realizar um estudo de abordagem qualitativa, por tratar-se de um ambiente natural e o foco estar sobre a perspectiva dos participantes. Ainda, neste caso, nós, investigadoras, somos responsáveis pela geração de dados, registrando-os em forma de textos e analisando-os de maneira indutiva, conforme defendem Robert Bogdan e Sari Knopp Biklen (1994) na obra *Investigação qualitativa em educação*. Além disso, configura-se como um estudo de caso, pois o foco do estudo é um contexto específico (MERRIAM, 1988 *apud* BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Nesse sentido, depois de ter a pesquisa aprovada em Comitê de Ética, sob CAAE de número 48735421.6.0000.5370, fizemos uma primeira visita à Praça, no dia 21/04/2021, para

conhecer o espaço, o seu acervo e pensar em modos de geração de dados. Lá, tivemos contato com alguns frequentadores. Por meio deste contato inicial, ficou-nos evidente que a Praça é habitada, que há pessoas circulando por ali. Para chegar a tais pessoas e entender sua relação com o espaço, optamos por elaborar um questionário com perguntas abertas, o qual foi impresso e colocado em um envelope junto à uma caneta esferográfica. Na parte externa do envelope, colamos um papel impresso com a seguinte palavra: “Leia-me”.

Figura 1 – (a) Envelopes e urna deixados na Praça de Leitura. (b) Urna de papelão afixada na Praça de Leitura.



(a)



(b)

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 2 – Envelopes pendurados na Praça.



Fonte: Dados da pesquisa.

Uma caixa de papelão preta também foi usada para servir de urna onde seriam depositadas as respostas dos sujeitos participantes. Ao todo, penduramos 40 envelopes por meio de barbantes na estrutura que serve de suporte para o teto da área coberta da Praça, de modo a serem arrancados por quem se interessasse em lê-los.

Fizemos quatro visitas ao espaço, a primeira, no dia 21/04/2021, para conhecê-lo, a segunda, no dia 04/05/2021, para medir o comprimento necessário dos barbantes, a terceira, no dia 05/05/21, para fazer a instalação das cartas e urna e a última, no dia 07/05/2021, para coletar o material para análise. Durante as visitas, fotografamos, além do ambiente, alguns títulos do acervo para entender a dinâmica de empréstimo-doação.

A seção que se segue conta com as descrição e análise dos dados gerados por meio dos envelopes e das visitas feitas ao espaço.

A Praça de Leitura de Blumenau/SC: um espaço de potência e arte em meio à cidade

“Os livros adoram a errância [...] e os que ficam na biblioteca são livros tristes”
Noush-Afarin Ansari (*apud* PETIT, 2009, p. 35)

Foi-nos perceptível, ao longo das quatro visitas feitas ao espaço, que o acervo sofre alterações de um dia para o outro, ora com novos títulos, ora com títulos levados embora. Fizemos um breve levantamento de que tipo de livros costumam aparecer na Praça de Leitura e cabe destacar que, apesar de a placa instalada na Praça advertir o não aceite de livros didáticos, estes aparecem aos montes, incluindo livros e apostilas de escolas de educação básica particulares, cursos pré-vestibular e escolas de idiomas. Além desses, encontramos: enciclopédias, livros infanto-juvenis, gibis, clássicos da literatura brasileira, livros técnicos, livros religiosos, *best-sellers* e dicionários (de vários idiomas).

Como discutido anteriormente, o ser humano é ser de narrativas e, tendo isso em vista, a pergunta que Petit (2009) faz ao seu leitor é: como pode “a linguagem ser reduzida a um instrumento e as bibliotecas a simples lugares de ‘acesso à informação’” (PETIT, 2009, p. 125)? Ainda acrescenta que as bibliotecas são:

[...] conservatórios de sentidos onde se encontram metáforas científicas que ordenam o mundo e o esclarecem, mas também metáforas literárias, poéticas, geradas pelo exercício lento de escritores ou de artistas que realizam um trabalho de

transfiguração de seus próprios questionamentos e dos vários conflitos que estão no cerne da vida psicológica e social (PETIT, 2009, p. 125).

Nesse sentido, a Praça de Leitura representa uma oportunidade de acesso a esses sentidos inerentes à literatura, sentidos esses que, na sociedade do consumo, são deixados de lado. De certo modo, a Praça é uma forma de, a um só tempo, democratizar o acesso ao texto literário e servir como depósito de apostilas e enciclopédias desatualizadas.

Curiosamente, em torno de vinte gibis da *Turma da Mônica Jovem* avistados em um dos dias não estavam mais lá no dia seguinte, o que nos gerou a seguinte indagação: será que foram levados por um único leitor? Será que foram levados por algum dos moradores de rua que frequentam o lugar e se aproveitam das doações para vendê-las? Apesar de esta última ser uma possibilidade, como nos esclarecem alguns frequentadores, também soubemos por meio de suas falas que muitos moradores de rua frequentam o espaço como leitores além de se esforçarem para mantê-lo organizado. Tal indagação não pode ser respondida, mas levantamos algumas hipóteses para que o leitor possa compreender um pouco de nossa experiência habitando e investigando este espaço.

De fato, não é difícil deduzir que alguns dos frequentadores fazem o trabalho voluntário de cuidar da Praça, visto que há uma vassoura pendurada em uma das paredes e o espaço está sempre organizado e limpo. Por outro lado, a Praça também serve de local de repouso e de uso de drogas para pessoas em situação de rua, como observamos e ouvimos dos frequentadores.

Dois dias depois de pendurar os envelopes, ao passar pela Praça, notamos a ausência de quaisquer deles pendurados. Foi então que recolhemos a urna e analisamos seu conteúdo. Por já ter ciência de que muitos moradores de rua frequentam o espaço e poderiam abrir os envelopes para levar as canetas, decidimo-nos por exagerar na quantidade: 40 envelopes, na esperança de obter algumas poucas respostas. De fato, a pesquisa obteve sete respostas: seis questionários respondidos e um número de telefone escrito em um dos envelopes. Entre os respondentes, três se interessaram em ser entrevistados e decidiram deixar algum meio de contato junto às suas respostas. No entanto, o presente trabalho terá como foco de análise apenas as respostas escritas.

Figura 3 – (a) Envelopes rasgados empilhados em uma caixa de papelão, usada como lixeira. (b) Um origami feito com um dos envelopes.



(a)



(b)

Fonte: Dados da pesquisa.

Além dos seis questionários respondidos, neste período de dois dias entre a instalação e a recolha da urna, outros objetos foram depositados dentro da caixa: quatro canetas devolvidas, alguns questionários em branco, várias cópias de um mesmo panfleto de propaganda religiosa, um poema impresso e dois palitos de fósforo queimados. A variedade de objetos encontrados em tão curto período de tempo indica a quantidade de pessoas que ocupam esse espaço público e que por ele circulam, nem sempre interagindo com seus livros.

A primeira pergunta do questionário, que versava sobre a idade dos leitores-frequentedores, revelou-nos que os sujeitos respondentes têm de 31 a 80 anos de idade, sendo a média aritmética simples das idades de 48 anos.

A segunda pergunta questiona com que frequência os sujeitos frequentam o espaço. Descobrimos que a maioria dos respondentes (quatro deles) são assíduos frequentadores da Praça, optando pelo uso de termos como

[...] diariamente (RESPONDENTE 3).

Semanalmente (RESPONDENTE 1).

De 3 a 4 vezes na semana (RESPONDENTE 5).

Por outro lado, temos

[...] raramente (RESPONDENTE 2).

Às vezes (RESPONDENTE 4).

É possível inferirmos desses dados que a maioria dos sujeitos que se interessaram em responder à pesquisa frequentam continuamente o espaço.

Debruçando-nos então sobre a terceira pergunta do questionário, “Por que você visita este espaço?”, obtivemos respostas relacionadas ao gosto pela leitura.

Por gostar de ler e por ser um ambiente tranquilo (RESPONDENTE 1).

Curto ler revistas e pensar sobre o que descobri (RESPONDENTE 6).

Ainda, outros usam o espaço para passar o tempo:

[...] sempre para esperar o horário do almoço passar (RESPONDENTE 2).

Para passar o tempo (RESPONDENTE 3).

Segundo o Respondente 4, este frequenta o local por considerá-lo

[...] interessante, motivador (RESPONDENTE 4).

Chamou-nos atenção a resposta do Respondente 5:

Arrumar os livros, ver periódicos para leitura, trazer livros (RESPONDENTE 5).

Tal resposta ilustra o que foi ouvido de um dos frequentadores, que muitas pessoas se esforçam para manter o espaço da Praça limpo e organizado. E, para além disso, o respondente em questão também diz contribuir para o crescimento do acervo da Praça.

A resposta do Respondente 5 se relaciona ao descrito por Petit (2009) quando se debruça sobre trabalhos de fomento à leitura literária feitos em comunidades que sofrem algum tipo de violência, seja por viverem em zona de guerra, seja por sofrerem com a pobreza:

E, algumas vezes, a criança vai dedicar-se a transformar o contexto material que a cerca, enfeitando-o como, os jovens em Petare, nos subúrbios de Caracas, que, depois de terem se envolvido com um grupo de leitura, puseram-se a limpar, pintar e transformar completamente a sala que lhes foi emprestada, ou essas mulheres [...] nesse mesmo país, que limpavam as ruas destruídas pelas enchentes depois que leram para as crianças livros ilustrados ou lendas (PETIT, 2009, p. 96).

A autora ainda relaciona as experiências desses leitores e mediadores de leitura ao conceito de **habitar**, trazido por Gaudin (1996 *apud* PETIT, 2009) e que também compreende o processo pelo qual passam os frequentadores como o Respondente 5:

Habitar é isso, dispor das coisas ao nosso redor. Diminuir a distância em relação à estranheza do que é exterior a nós. Tentar sair da confusão mental que provoca a incompreensão e a incompreensibilidade inerente ao que está fora de nós (GAUDIN, 1996, p. 22 *apud* PETIT, 2009, p. 98).

A pergunta 4 indaga o/a leitor/a sobre o título do livro que mais o/a marcou e se aquele foi encontrado na Praça de Leitura. Nenhum dos respondentes afirmaram ter encontrado o referido título na Praça. Entre os títulos mencionados, há:

“O Alquimista” (RESPONDENTE 3).

“Exu Tiriri”, “Exu Caveira”, revista “Mundo Estranho” e “Super Inte[ressante]”
(RESPONDENTE 6).

“E se eu fosse puta” (RESPONDENTE 2).

Ainda, o Respondente 5 não deixou títulos, mas temas, evidenciando uma preferência por leituras religiosas e de não ficção.

Histórias reais e fatos, religiosos e assuntos gerais (RESPONDENTE 5).

De fato, a resposta que nos chamou a atenção e que diverge do perfil do leitor médio brasileiro é a do Respondente 2, que cita o título de uma biografia de uma travesti e doutora em Letras. De acordo com a 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, o gênero que se mais leu no Brasil em 2019 foi a “Bíblia”, conforme 35% das respostas dos leitores, seguida de livros religiosos, com 22% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). Depois, há a categoria de livros de “História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais”, com 13% e “Biografias”, com 9% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020, p. 51). É interessante notarmos que os livros religiosos aparecem também nesta pesquisa, mas com temáticas referentes a religiões de matriz africana.

A seguir, a pergunta 5, “Que tipos de livros você mais gosta de ler?” também se relaciona aos dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020) previamente citados, visto que esta pesquisa obteve as seguintes respostas:

[...] autoconhecimento. No momento estou dando preferência para livros que não tenho costume (RESPONDENTE 1).

Política, biografia, feminismo, história (RESPONDENTE 2).

Piadas (RESPONDENTE 3).

Todos (RESPONDENTE 4).

Fatos reais (RESPONDENTE 5).

É interessante percebermos que o Respondente 1 é um leitor em busca de autoconhecimento e tem a clareza de que é com leituras diversas, é com o confronto com outras opiniões que se pode aprender mais, conhecer o mundo e a si com maior profundidade, o que é corroborado por Cechinel (2020):

Ora, para ser de fato ameaçadora, a para poder eventualmente retirar o leitor do lugar por ele ocupado quando do instante da recepção, a obra não pode originar-se diretamente das demandas desse leitor ou se limitar a satisfazê-las. [...] a seleção tem de desafiar o leitor e desarmar seus desejos de consumo iniciais (CECHINEL, 2020, p. 34).

A verdade é que, o “critério da facilidade [na seleção das leituras], quando um fim em si mesmo, gera consumidores, não leitores críticos” (CECHINEL, 2020, p. 34), o que se

mostra imprescindível no momento histórico atual, em que a cultura, a arte e, mais especificamente, a literatura, é apropriada pelo capital e por ele cooptada (PEIXOTO, 2003), de modo a perder toda sua potencialidade crítica, tirando-lhe o que de mais importante possui:

[...] a condição própria do capitalismo de transformar em consumo — por cooptação e ou por imposição, como modismo — todo e qualquer objeto, fato, idéia, atitude ou comportamento, aí incluso, de roldão, tudo o que possa significar crítica ou contraposição ao sistema (PEIXOTO, 2003, p. 79).

O Respondente 2 também traz uma resposta interessante, pois demonstra interesse por temáticas que abrangem livros de não ficção, livros que aprimoram o conhecimento intelectual do leitor. Já a resposta do Respondente 3 evidencia uma busca pelo prazer, pelo passatempo quando se trata de leitura, o que, de fato, faz parte da fruição. Porém, sabemos que a leitura por vezes não é prazerosa, mas impõe desafios a seus leitores, tanto no que tange às temáticas abordadas, quanto à linguagem, por vezes enigmática e metafórica, como reflete Cechinel (2020):

[...] a leitura potente decorre [...] de um embate, de uma disputa violenta e irreconciliável, em que o leitor quer calar a obra por meio de uma análise precisa, “definitiva”, e a obra desvia-se de si mesma e termina por invocar o leitor uma vez mais, provando ser mais complexa do que a interpretação sobre ela projetada (CECHINEL, 2020, p. 34).

Finalmente, a sexta pergunta foi a seguinte: “Por que ler é importante, na sua opinião?”, que pode ser relacionada à categoria “Motivação para ler”, também da *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

O conhecimento é libertador (RESPONDENTE 1).

Ajuda a formar opiniões[?], abre a mente para debates, me ajuda a estudar melhor e, compreender a vida, o universo e tudo mais (RESPONDENTE 2).

Conhecimento. Mudanças de caráter (RESPONDENTE 4).

Tais respostas se relacionam às respostas de 17 e 13% dos entrevistados pela pesquisa *Retratos*, que disseram ler, respectivamente, por **crescimento pessoal e atualização cultural ou conhecimento geral** (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020, p. 44).

Já os Respondentes 5 e 6 tiveram respostas que têm relação com as categorias **atualização cultural ou conhecimento geral e aprender algo novo ou desenvolver alguma**

habilidade (esta, assinalada por 11% dos entrevistados) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020, p. 44).

Ter conhecimento, saber e conhecer assuntos, melhorar ainda mais a fala, argumentos e informações (RESPONDENTE 5).

Melhora de vocabulário ter sempre algo para compartilhar com algum conhecido, cultura... (RESPONDENTE 6).

Os Respondentes 5 e 6 têm respostas semelhantes, que envolvem o aprimoramento de conhecimentos linguísticos e culturais, com o objetivo da discussão, da socialização com outros. Isso evidencia como a literatura também influencia a interação social, fornecendo subsídios para conversas, troca de saberes.

Por fim, apenas o Respondente 3 escreveu algo que se relacionou à categoria **distração** (17%) da *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020, p. 44).

Para ocupar o tempo (RESPONDENTE 3).

Mesmo não tendo ciência disso, muitos se dedicam à leitura como uma atividade vital (PETIT, 2009), mas essa não é a única razão pela qual um sujeito se volta aos livros:

[...] lendo com frenesi obras variadas, muitos leitores se dedicam na realidade a uma atividade vital, mesmo que não estejam sempre conscientes disso. O que não os impede de também encontrar prazer, distração, informações, assuntos de conversa, algumas vezes idéias que apurem seu espírito crítico; e, de tempos em tempos, de se encantar com uma escrita, serem tocados por um estilo, sensibilizados por um ritmo (PETIT, 2009, p. 183).

Quando Petit (2009) fala na vitalidade da atividade de leitura literária, refere-se às revoluções e compreensões de questões emocionais, internas pelos sujeitos, ou ainda à literatura como auxílio na lida com momentos desafiadores da vida, o que se relaciona ao conceito de sublimação da psicologia, discutido anteriormente.

Por meio das palavras de Petit (2009), evidenciam-se as inúmeras funções da leitura, algumas mais, outras menos conscientes aos leitores, todavia, é interessante notarmos que as respostas de alguns dos respondentes coincidem com o trazido pela autora.

Curiosamente, o maioria dos entrevistados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020) responderam ler por gosto, e, na pequena amostra desta pesquisa, não se obteve resposta similar, como se a leitura estivesse sempre relacionada a um tipo de ganho, não havendo indícios de uma leitura desinteressada.

Sobre a utilidade ou não da literatura, Cechinel (2020) reflete que nem sempre a literatura abre portas para o leitor de maneira imediata, exigindo-lhe muito, mas nem sempre fornecendo algo em troca:

A “formação humana” [...] tem de resultar de um processo, não de acomodação, mas de tensão contínua com a realidade. [...] “formar-se” significa submeter-se ao risco contínuo do desamparo, do abandono, da improdutividade, da intransitividade, enfim, submeter-se ao risco de um mundo artístico-literário que já não reserva grandes promessas, mas que exige muito (CECHINEL, 2020, p. 33, grifos do autor).

Relacionando isso à contemporaneidade, ao mundo que não dá espaço para o “inútil”, para o ócio, que convoca a todo momento o sujeito à ação, à produtividade, o autor ainda explica que a característica formativa da literatura se dá na “utilidade de sua inutilidade” (CECHINEL, 2020, p. 42), que “[...] funciona como crítica a uma realidade que não consegue conceber que as coisas possam existir por si sós, na qual tudo tem que servir para alguma coisa” (DURÃO, 2017, p. 19-20 *apud* CECHINEL, 2020, p. 42).

Petit (2009) também ressalta o caráter inútil da literatura, sendo o prazer da leitura algo que não pode ser controlado ou avaliado (quando inserido em um contexto escolar): “[...] a literatura, oral ou escrita, prepara para um uso da língua tão essencial e vital quanto ‘inútil’, o mais perto possível da vivacidade dos sentidos e do prazer compartilhado, longe do controle e da nota” (PETIT, 2009, p. 58-59). Desse modo, engajar-se em leituras literárias também pode ser visto como um modo de resistência à sociedade capitalista, que interpela o sujeito a usar suas energias para atividades economicamente lucrativas (geralmente, para aqueles que lhes tomam a mais-valia) e, em momentos de lazer, esfrega-lhe a cara com entretenimento de baixa qualidade artística, baixo potencial reflexivo e altamente alienante em relação ao sistema material que o produziu e no qual o sujeito está inserido.

Praça de leitura: um passo possível rumo à democratização da arte

“Enquanto a própria humanidade não morrer, a arte não morrerá”

Ernst Fischer (1977, p. 254)

Sabendo da importância da arte e da literatura na vida, o modo como afeta os fruidores, como os humaniza por meio do confronto com a alteridade, como os mobiliza a pensar alternativas de sociedade ou o modo como os emociona, deleita-os, distrai-os, até, fica evidente que iniciativas como a Praça de Leitura de Blumenau/SC são bem-vindas nas cidades e aproveitadas pela população. Além disso, são iniciativas acessíveis, que atingem sujeitos em situações de marginalização, a exemplo de alguns dos frequentadores com quem tivemos contato no processo da pesquisa.

Em uma sociedade em que as cidades carecem de espaços de lazer que não envolvam o consumo, a Praça assume um papel de exemplo para políticas públicas que favoreçam o lazer de qualidade, promovendo o encontro com a arte, este muitas vezes elitizado, tendo em vista o preço dos livros. Ressaltamos ainda que a Praça foi produto de uma sanção extrajudicial, não uma iniciativa direta da prefeitura da cidade, e, nesse sentido, a cidade de Blumenau/SC também aprende, com a Praça, alternativas interessantes de investimento em arte.

No que tange às relações entre os frequentadores e a Praça, ficou-nos claro que variam, alguns a utilizando para repouso e consumo de drogas e, outros, por ela e por seus livros zelando.

Além disso, o acervo da Praça sofre flutuações diárias, o espaço, além de **habitado** (GAUDIN, 1996 apud PETIT, 2009), o é com frequência considerável e por diversas razões, de acordo com os respondentes: ler, passar o tempo, organizar e ampliar o acervo da Praça.

Também encontramos, em nossos dados, relações com o literário, visto que, no que tange às leituras marcantes, os respondentes citaram diversos temas, como: biografia, religião de matriz africana, revistas de curiosidades científicas e leituras de não ficção. Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020), que contrastamos, ao longo da seção anterior, com os dados gerados na Praça, evidencia-se uma preferência por leituras religiosas, o que também aparece entre os leitores aqui pesquisados.

Ainda, alguns dos respondentes se mostraram interessados em leituras que os desafiassem e leituras de não ficção, que girem em torno de temas das ciências humanas, o que tem o potencial de gerar criticidade por meio do embate com o novo, o dissonante (CECHINEL, 2020).

No que se refere à importância da leitura, obtivemos respostas relacionadas às categorias elencadas pela *Retratos da Leitura no Brasil*: crescimento pessoal, atualização

cultural ou conhecimento geral, aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade e distração (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020) que, de fato, são possibilidades que carregam os livros, e, para Petit (2009), vêm junto à atividade vital que é a leitura, vital por ser capaz de, mesmo de maneira tortuosa, organizar-nos internamente, ou, para usar o termo de Vigotski (2003), sublimar aquilo que está irrealizado, depositado no fundo da psique.

Por meio deste estudo, compreendemos que a literatura, quando democratizada, chega até as pessoas, que a aproveitam, que a fazem circular e que têm a possibilidade de ter suas vidas transformadas, de diversas maneiras.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CECHINEL, André. *Literatura, ensino e formação em tempos de Teoria: (com “T” maiúsculo)*. Curitiba: Appris, 2020.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Tradução Leandro Konder. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL. *Retratos da Leitura no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro; Itaú Cultural, 2020.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. *Arte e grande público: a distância a ser extinta*. Campinas: Autores Associados, 2003.

PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO URBANO DE BLUMENAU. *Praça da Leitura será entregue à comunidade nesta segunda-feira*. Blumenau: Prefeitura de Blumenau, 1 set. 2017. Disponível em: <https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/secretaria-de-desenvolvimento-urbano/seplan/praca-da-leitura-seraa-entregue-aa-comunidade-nesta-segunda-feira54>. Acesso em: 10 jun. 2022.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. *Psicologia Pedagógica*. Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2021.